

Frango al primo canto

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Entoando o refrão do Abre Alas, a classe C não pede passagem, mas invade o espaço da classe média, em vertiginosa ascensão, agora retomada com o ímpeto do êxito do Real.

Não expulsa a classe média, dona tradicional do pedaço, com suas diversas subdivisões. Nele se insere, infiltrando-se pelas brechas, esgueirando-se pelas beiradas, como menino de antigamente penetrava no circo por debaixo da lona. Representa a maior mancha percentual no quadro da sociedade pelos índices de avaliação da capacidade econômica e ameaça assumir a liderança como formadora de opinião pública. E provocando tremendo rebulição nos esquemas políticos traçados pelos critérios tradicionais.

O fenômeno que vinha pintando nas estatísticas de consumo — desde o frango, que virou emblema do Real, à carne bovina, ovos e demais gêneros tradicionais na mesa do brasileiro de renda mo-

desta —, afinal foi flagrado, de corpo inteiro e de perfil, na irretocável reportagem de Claudia de Souza, que ocupou a terceira página da edição de domingo, 25, com o título, que é a chamada introdutória perfeita, de "A classe emergente do Real".

Não é ainda o retrato completo, com os sombreamentos que destacam os volumes e os vincos acentuando a gravidade da fisionomia. Mas, o primeiro ins-

Roendo amarguras, com azinhave na alma, foi refazendo a cabeça, ajeitando a cuca, assistindo da arquibancada os shows de escândalo e corrupção que foram os espetáculos da moda na década de 90. A defenestração de Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito no modelo de sucessão em dois turnos, abriu a temporada. E que prosseguiria com a CPI do Orçamento que pilhou em flagrante a quadrilha dos anões.

Escovou o pó das frustrações e voltou a sonhar com as promessas do Plano Real, na virada do governo do presidente Itamar Franco e que pavimentou o caminho de Fernando Henrique Cardoso no primeiro turno da eleição de 94.

A classe C está pronta para desempenhar seu papel nos programas do futuro. Escancarando uma imensa interrogação que só o tempo responderá. Alguns indicadores talvez ajudem a antever seus possíveis roteiros. Pelas respostas às bisbilhotices das pes-

tantâneo, colhido ao vivo pela objetiva da pesquisadora Fátima Pacheco Jordão, com 20 anos de prática na especialidade da pesquisa qualitativa.

Convém que o governo, os partidos, a imprensa e quantos militam na área, cuidem de explorar o filão e que descubra a mina da mais importante novidade, de mais amplas e imprevisíveis influências no desenho social e político do país.

A descoberta chega na hora, confirmando o que se pressentia. Com a vantagem de esboçar largamente a revolução que já começou e ainda não foi levada a sério.

A classe C, como a matéria didaticamente explica, representa o maior contingente do eleitorado e compõe-se do segmento da população com renda de até cinco salários mínimos. Saltou de 35% para 38% da população urbana nos últimos anos, segundo pesquisa em nove das maiores regiões metropolitanas do país.

Cresce, em cadência que se acelera a cada nova investigação. Derrubando mitos na escalada. Como o do desinteresse pela educação dos filhos, cedo retirados da escola para competir no mercado de trabalho. Inexato. A classe C absorve os valores da classe média e dá extrema importância a que os filhos não interrompam os estudos até a conclusão do primeiro e segundo graus. Estimula, com empenho ascendente, a luta pelo diploma no curso superior.

Torce o nariz, num gesto de desagrado, às novelas e ao noticiário apressado e superficial da televisão e do rádio e está lendo mais jornais, como provam os índices de circulação que subiram 32% de 1988 a 1995, saltando de 1,8 milhão de exemplares/dia para 2,4 milhão.

Comer mais frangos, mais bifes, comprar mais geladeiras, televisões, aparelhos de som, eletrodomésticos, vídeos são os sinais perceptíveis da ascensão da classe C. No movimento que começou com o cruzado em 86, cortado no vôo com a decepção e o fracasso.

quisas pioneiras, entremostre-se na aparente contradição de reformista e conservadora.

Não é assim tão difícil desatar o nó. Como toda classe ascendente, que começa a virar a página de secular marginalização social, os emergentes de até cinco salários mínimos são extremamente ciosos das conquistas, do modesto status que começam a desfrutar com um ano e meio de inflação controlada e que abriu as portas dos supermercados e o acesso às prateleiras e balcões das lojas.

Moralista e com vivo senso ético, aprendeu a juntar informações e a compará-las. Avalia claramente a injustiça do governo, sovina e resmungão na hora de investir na área social, e mão aberta até à prodigalidade quando socorre bancos falidos. Aprendeu no toco que a corrupção degrada os serviços públicos que lhe são absolutamente essenciais.

Mas, como é que essas avaliações, a profunda mudança no padrão de vida e nos valores moldarão o perfil do eleitor da classe C nas próximas e decisivas rodadas de urna? Este ano, na eleição de prefeitos dos cinco mil municípios do inchaço aloprado produzido pela Constituição de 88 e de milhares de vereadores? E em 98, na eleição nacional para a escolha do presidente da República, dos 27 governadores e a renovação da Câmara dos Deputados e de um terço do Senado?

Certo mesmo, por enquanto, é que estamos com um dado novo e que promete virar de cabeça para baixo o quadro político. A nova fonte formadora de opinião pública mantém laços tradicionais com as câmaras mais desfavorecidas, com os bolsões de miséria extrema e de pobreza absoluta. E tem intimidade com a classe média superior, seu novo degrau nas pesquisas.

O baralho muda de mãos. E quem vai dar as cartas ainda não mostrou o jogo. A dona da banca na hora exata, exibirá o naipe da vez.

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL

